

o passado colonial de seus países e, por outro, a prosperidade assustadora dos países industrializados do Ocidente, o que transformou nossa disciplina numa moda ridícula para filhos de pais ricos, cansados da civilização, a assustar suas famílias com a ameaça de que, um dia, todas as pessoas de cor deste mundo se vingariam brutalmente pela incapacidade ocidental de alimentá-las dentro da ordem. Na verdade, nenhuma inquietação perturbava nossa disciplina. Ela estava apenas doente da consciência e arruinada, podre na raiz, como todas as ciências humanas e do espírito. Onde antes via-se a planta, a multiplicidade de formas, agora tinha-se apenas o matagal ressecado e enodado da teoria. Não havia mais a observação, a paciência da percepção, a calma no olhar e no descrever. Apenas a violência da teoria, suas delimitações letais, as quais somente sob risco de vida se podia ainda ultrapassar. Quem quer que seja obrigado a assistir ao progressivo distanciamento dessas disciplinas de toda dúvida no tocante a suas convicções, consolidadas após terríveis experiências históricas, há de sentir náuseas. Elas sabem tudo, e tudo está errado. Quem, como eu, para o recebimento de honrarias, tem de adentrar os institutos atuais é já pela nova arquitetura golpeado com um odor de putrefação. A putrefação do presente. Um

ano depois de construídos, os edifícios assemelham-se a achados antediluvianos, datados de um tempo no qual os homens ainda não existiam. Uma das principais causas dessa putrefação foi a esperança de meu professor de Leipzig, com suas botas, distintivos do partido e saudações a Hitler, de que o mundo poderia ainda ser salvo pela ciência objetiva, pela pesquisa paciente. Agora, essa ciência está em via de sufocar-se em seus próprios e assim chamados conhecimentos.

Eu me sentara de modo a poder vigiar a entrada do bar. Sentado como que num cinema escuro e enfumaçado, podia observar as pessoas esgueirando-se para um lado e para o outro defronte à entrada, contemplar os cabelos crespos, ondulados, assentados e hirsutos, os negros, índios, chineses, mestiços e brancos, e, paralelamente, acompanhar a conversa na mesa vizinha, versando sobre se o partido teria ou não uma chance de interferir nos debates alemães. Quão ingênua era a conversa naquele buraco escuro, naquele sotaque anasalado do Reino. Como gostaria de ter-me imiscuído entre eles, como uma cara nova, recém-chegada, alguém com as notícias mais recentes, a fim de contar-lhes umas coisas sobre a juventude alemã. Sobre mim, por exemplo. Mas, naturalmente, não disse coisa alguma, apenas ouvia petrificado,